

*Representação das etnias na cultura material funerária no
Cemitério da Santa Casa de Caridade, Bagé-RS
(descendentes de portugueses, espanhóis e italianos)**

Fábio Vergara Cerqueira**

Universidade Federal de Pelotas

Elaine Maria Tonini Bastianello***

Universidade Federal de Pelotas

Resumo: Estudo sistemático de túmulos do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé (1858), entendidos como “cultura material funerária” (configuração material pela qual a sociedade se expressa). O catálogo de 135 túmulos levantados permitiu analisar a representação das etnias no espaço funerário e na cidade. Neste artigo, abordaremos os grupos hegemônicos (lusobrasileiros, espanhóis e italianos), com 90% dos túmulos.

Palavras-chave: Cemitério; Cultura material; Etnias.

Abstract: A systematic study on the tombs of the Cemetery of the *Santa Casa de Caridade* of Bagé city (1858), understood as “funerary material culture” (material configuration through which the society expresses itself). The catalogue of 135 surveyed tombs allowed to analyze the representation of ethnic groups in the funerary space and in the city. In this article we will approach the hegemonic groups (Luso-brazilian, Spanish and Italian groups) with 90% of the tombs.

Keywords: Cemetery; Material Culture; Ethnicity.

* Artigo submetido à avaliação em 13 de junho de 2012 e aprovado para publicação em 10 de julho de 2012.

** Professor Associado do Departamento de História, Professor do Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural, Professor do Mestrado em História – Fronteiras e Identidades, Universidade Federal de Pelotas.

*** Professora de Ensino Médio da Rede Pública Estadual; Membro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC); Membro do Núcleo de Pesquisa Histórica Tarcísio Taborda (NPHTT).

Introdução: cultura material funerária e etnias no Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé¹

Em 2011, Bagé, localizada no extremo sul do Brasil, na fronteira com o Uruguai, comemorou 200 anos. Estudar seus cemitérios e monumentos funerários significa contar a sua história, examinando seu cotidiano, suas transformações, valores religiosos e morais, influências culturais, concepções estéticas, hierarquias sociais e econômicas, lideranças políticas, e tantos outros fatores.

Em sua formação, a cidade contou com a participação de diferentes etnias: portugueses, espanhóis, italianos, sírio-libaneses, alemães e outros, que contribuíram para o seu desenvolvimento e modernização. Padrões da arquitetura europeia foram introduzidos na paisagem de tantas cidades pelo país afora por estes imigrantes, reconfigurando o cenário urbano, que abandonou os padrões da arquitetura colonial luso-brasileira em favor do chamado ecletismo histórico, que trouxe consigo tradições estéticas europeias (SANTOS, 2002. ANJOS, 2000). Reflexos se fizeram sentir diretamente no CSCCB, ao trazerem formas variadas de enterramento, bem como técnicas e estilos distintos de confecção dos monumentos funerários.

A repercussão dessas mudanças introduzidas por esses estrangeiros, aliadas à expressão de riqueza do período, fez-se sentir na sofisticação da *Primeira Divisão* deste cemitério. Em seus túmulos, revela-se um imenso valor de patrimônio material, artefactual, pois ao mesmo tempo simboliza a memória do sepultado e de um conjunto de valores da sociedade da época, em que pese a expressão das particularidades étnicas. Esse espaço de enterramento merece ser salvaguardado para a posterioridade, pois a cultura material funerária aí conservada, composta pela arquitetura tumular com suas esculturas e adornos, é preta de significações que nos remetem, através do tratamento conferido ao morto, aos valores da sociedade do século XIX e primeira metade do século XX.

¹ A partir de agora, poderá ser identificado pela abreviação CSCCB.

À guisa de estudo das dimensões de memória social contidas na cultura material funerária do cemitério em estudo, gostaríamos de focar a forma como está representada, no espaço cemiterial, a presença de diferentes etnias na formação de Bagé, e o quanto este registro nos permite inferir, do ponto de vista quantitativo e qualitativo, sobre como esses grupos étnicos eram significados culturalmente pela sociedade. Primeiramente, porém, trataremos dos espaços mortuários bageenses, para compreender-se o contexto dos monumentos funerários que serão analisados.

A cidade e seus cemitérios

A cidade de Bagé teve como primeiro espaço de sepultamento a igreja – atual catedral – de São Sebastião. Seu espaço interno e externo serviram como local de enterramento. Em meados do dezenove, medidas higienistas condenaram o costume de se enterrarem os mortos na igreja, levando à fundação do primeiro cemitério bageense, na Rua General Osório, esquina com a Rua 3 de Fevereiro, ao qual se seguiram outros três, os quais rapidamente se tornaram pequenos, dado o crescimento da cidade, ocasionado pela pecuária, baseada no polo charqueador de Pelotas, pela condição de fronteira e pelo imigrante europeu.

A Câmara Municipal estava à frente do assunto, cabendo-lhe deliberar sobre os cemitérios públicos. No ano de 1858, inaugurou-se finalmente o quinto e definitivo espaço de sepultamento: o *Cemitério da Santa Casa de Caridade*, tão antigo quanto o *Cemitério da Consolação* de São Paulo. (Figura1)

Figura 1: Registro fotográfico mais antigo do Cemitério da Santa Casa de Caridade Bagé.



Acervo: Bagé, Museu D. Diogo de Souza, Fototeca Túlio Lopes.

Este novo local, com uma entrada principal, era todo cercado por um muro caído, que protegia os restos mortais e escondia a morte do olhar dos vivos. Havia ainda um funcionário para coibir os saqueadores.

No contexto de racionalização e higienização urbana de meados do século XIX, os cemitérios, até então localizados dentro da área urbana e das igrejas, foram afastados da área central e colocados em lugar público, retirados do domínio eclesiástico. Nessa época, iniciava-se no Brasil o processo de secularização, com a progressiva separação entre Igreja e Estado.

Inaugurado, o novo cemitério público passou a abrigar ossadas dos antigos cemitérios centrais, repetindo o processo ocorrido em Paris (FOUCAULT, 1996. ARIÈS, 1989), e em outras cidades pelo mundo ocidental afora. Constata-se uma articulação entre a criação de novos espaços públicos fúnebres e a prevenção a doenças epidêmicas. O remanejamento foi pensado e concretizado por intelectuais e políticos, em consonância com a mentalidade orientada pelo discurso higienista, que remodelava as cidades e

cemitérios com o fito de evitar o convívio dos vivos com poluentes geradores de doenças.

O gerenciamento, originalmente a cargo da irmandade conjunta de São Sebastião e do Santíssimo Sacramento, passou, por determinação da Câmara Municipal, à responsabilidade do *Hospital da Santa Casa de Caridade* local, razão de seu nome atual (TABORDA, 1973). O *Código de Posturas Municipal* (Livro XXI, *Dos cemitérios*, Art. 360) mantém a concessão até hoje².

O CSCCB compõe-se de um conjunto de monumentos funerários, com diferentes setores formados ao longo de um século e meio. A área conhecida como *Primeira Divisão*, setor utilizado no século XIX e primeiras décadas do século XX, espécie de museu a céu aberto, apresenta a grandeza da arte cemiterial e constitui vigoroso testemunho da cultura material funerária.

O estudo dessa cultura material é prejudicado pela carência de documentação institucional, decorrente do incêndio na sede da funerária responsável pela administração. Sequer existindo a planta baixa, impôs-se um estudo sistemático dos monumentos em sua materialidade e espacialidade.

Método de estudo sistemático da cultura material funerária

Estudar o conjunto funerário do Cemitério da Santa Casa da Caridade de Bagé como “cultura material” não é uma simples adjetivação. Tem impacto teórico e metodológico sobre o potencial de análise deste material. Não se trata aqui de considerar os túmulos como fonte secundária, para ilustrar os conhecimentos já constituídos com base na documentação escrita. Não compartilhamos mais da visão de que a arqueologia – e portanto a cultura material – seja uma ciência auxiliar da história. Não se trata tampouco de considerar estes monumentos apenas do ponto de vista artístico, do valor individual da obra de arte, do artista, do estilo. Sem

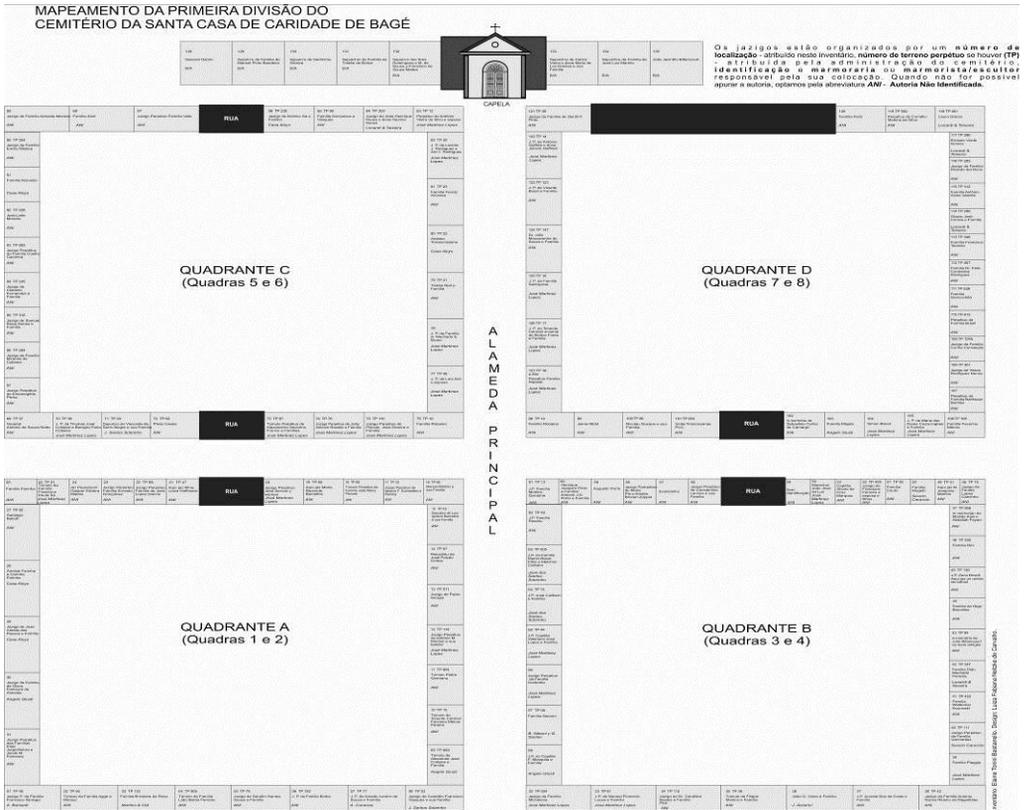
² O *Código de Posturas* é uma Lei Complementar, que deve observar a determinação da *Lei Orgânica do Município*, promulgada pela Câmara de Vereadores em 17 de julho de 1971.

desconsiderar o valor técnico imprescindível destas informações, intrínsecas à tecnicidade do material (BRUNEAU, 1986), trata-se outrossim de compreender estes monumentos e seu espaço como uma configuração material por meio da qual a sociedade se expressa, compondo assim o que denominamos “cultura material funerária”.

Para que a cultura material se constitua plenamente como documento original com relação à tradição dos documentos escritos, coloca-se um imperativo metodológico: efetuar-se um estudo sistemático e codificador, entendido como o levantamento, inventário e estabelecimento de um catálogo dos monumentos de cultura material em estudo. O catálogo permite formular as classificações que categorizam a cultura material em grupos ou séries documentais, sinalizando suas transformações ao longo do período delimitado e suas variações em cada época. Possibilita estabelecer, no interior do conjunto, séries de testemunhos materiais, em que podemos aferir dados quantitativos, gerar curvas estatísticas, apontar o grau de incidência de elementos pesquisados, indicar regularidades, rupturas, continuidades, tendências (CERQUEIRA, 2001).

O ponto de partida, na inexistência de uma planta baixa da *Primeira Divisão*, foi representar graficamente a organização física do espaço (Figuras 2), com seu arruamento, sua divisão por quadras, seu entorno murado, sua capela, apoiando-se também na tomada aérea.

Figura 2: Mapeamento da Primeira Divisão do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, com a alameda central que leva à capela ladeada pelos jazigos-capela, e os quatro quadrantes.



Fonte: Bastianello, 2010, mapa 1 (elaborado pela autora)

Num segundo momento, localizou-se a setorialização dos tipos de monumento: jazigos-capela alinhados com a capela, nos fundos da *Primeira Divisão*; jazigos, jazigos-capela e mausoléus no perímetro e interior dos quadrantes; e túmulos em gaveta nos muros circundantes. No momento seguinte, lançou-se um olhar panorâmico sobre os monumentos, para aprimorar os critérios de escolha dos monumentos a serem pesquisados, tendo como objetivo a abordagem de conjunto.

Definiu-se então fazer um inventário sistemático dos túmulos do perímetro dos quatro quadrantes, resguardadas as exceções dos jazigos-capela (nos fundos) e de um mausoléu de excepcional significado (no interior de um quadrante). A razão da escolha estava na representatividade destes túmulos, do ponto de vista do acabamento enquanto arquitetura funerária, com riqueza de elementos ornamentais e iconográficos. O avanço da pesquisa demandou um levantamento assistemático nos túmulos em gaveta dos muros circundantes, para entendimento do conjunto.

O levantamento sistemático dos túmulos da área delimitada resultou em um inventário de 135 túmulos³, com enterramentos originais datados da fundação (1858) até a metade do século passado (BASTIANELLO, 2010).

Uma vez definido o conjunto inventariado pela pesquisa, passou-se à definição dos critérios de classificação para a confecção do catálogo descritivo e interpretativo dos túmulos. Para tanto, foi necessário se definirem os atributos classificatórios a serem observados para caracterizar os monumentos. Esta definição atende aos interesses de pesquisa, ao mesmo tempo em que instrumentaliza o registro técnico do bem. Entre os itens observados, destacamos aqueles de interesse histórico (datação indicadora do enterramento original, nomes dos enterrados, epitáfios), de interesse artístico e antropológico (ornamentos e iconografia), e de interesse arquitetural (estilo, material e assinatura de autoria). Como se pode presumir, o levantamento sistemático destes dados abre várias possibilidades de análise da cultura material funerária.

Somente após um levantamento exaustivo dos dados presentes no testemunho material, buscaram-se contrapor ou complementar estas informações com dados advindos de depoimentos orais, de documentos escritos, de registros visuais ou da literatura histórica sobre o assunto. A partir deste ponto, a metodologia incluiu dois procedimentos paralelos: o estudo isolado de cada peça, e o estudo da peça no conjunto daquelas que

³ Não contabilizamos aqui o *Panteón da Sociedade Hespanhola*, localizado no interior de um quadrante, e o túmulo do franco-judeu, externo à área da Primeira Divisão.

compõem com ela uma série histórica referente a fenômeno comum (CERQUEIRA, 2001).

Paralelamente, fez-se necessário um estudo individualizado das unidades tumulares, que passa por dois procedimentos articulados. O primeiro, a leitura a “olho nu” dos testemunhos da cultura material. Exercita-se o “olhômetro”. O estudioso da cultura material precisa ter sempre um olhar atento tanto ao conjunto quanto aos pormenores dos registros. O segundo, a pesquisa bibliográfica. Ressaltamos que a leitura a “olho nu” é um procedimento indispensável na pesquisa genuinamente preocupada com a cultura material. Por meio deste “olhômetro” – o olhar treinado, informado, sensível –, conseguem-se levantar atributos classificatórios para o catálogo de cultura material e para, numa visão de conjunto, formular questões analíticas relevantes (CERQUEIRA, 2001).

Foi com base na observação dos dados sistematizados que se verificou, nos túmulos estudados da *Primeira Divisão*, a presença de famílias que nos reportam, por critério onomástico, a nove origens étnicas: luso-brasileira, espanhola, italiana, francesa, alemã, árabe (sírio-libanesa), judaica, afro-descendente e polonesa (BASTIANELLO, 2010)⁴.

A definição do critério onomástico patronímico para classificação das origens étnicas foi uma opção metodológica baseada no critério de viabilidade, uma vez que não seria possível realizarmos estudos genealógicos para os 135 túmulos catalogados. Contudo, o critério onomástico não resolveu as identificações na integralidade. Por exemplo, o túmulo de um judeu foi identificado não pelo sobrenome, Mold, que poderia ser confundido com alemão, mas por um atributo iconográfico: a estrela de Davi. No caso do túmulo do afro-brasileiro Preto Caxias, a identificação não foi garantida pelo patronímio, Caxias, mas pelo étnico, *preto* (BASTIANELLO, 2010).

⁴ Neste artigo, serão analisadas somente as etnias quantitativamente verificadas como hegemônicas (luso-brasileiros, espanhóis e italianos). As demais etnias serão objeto de análise em outro artigo, que abordará os processos de inclusão e exclusão no espaço cemiterial, com interesse especial pela tumba de um afro-descendente (Preto Caxias) e de um franco-judeu (José Brunschvig).

Em alguns casos, a identificação étnica do patronímio pôs dificuldades, por serem nomes com grafia familiar a diferentes línguas. Por esta razão, as identificações patronímicas foram contrapostas a informações genealógicas, proporcionadas pela assessoria do historiador Leandro Betemps. Por exemplo, Júlio Bittencourt, apesar da grafia do sobrenome ligar-se à língua francesa, pertence a uma família vinda de Açores, descendente de franceses vindos da Normandia no século XV.

Observe-se ainda que a identificação étnica luso-brasileiro é abrangente, incluindo famílias descendentes dos colonizadores, do período da ocupação militar e conquista do território, e famílias de imigrantes portugueses (de origem continental ou açoriana), que imigraram continuamente até meados do século XX. Na quantificação, isto repercute no percentual tão mais elevado destes na ocupação de túmulos.

Gostaríamos, por conseguinte, de analisar, no presente estudo, na cultura material funerária do CSCCB, a expressividade histórica e o sentido da presença dos grupos étnicos hegemônicos.

Os três grupos étnicos hegemônicos – descendentes de portugueses, espanhóis e italianos

Bagé, importante centro urbano da Província de São Pedro, recebeu excepcional impulso em direção à modernização em fins do século XIX, com a vinda do imigrante europeu, que trouxe consigo ideias e práticas urbanizadoras, que contribuíram para tornar a cidade um pólo de desenvolvimento econômico e cultural na fronteira meridional do país.

Imigrantes provindos de vários países formaram mão de obra diversificada e especializada. Alfaiates, costureiras, pedreiros, ferreiros, arquitetos, escultores, marmoristas, professores e artistas. Todos eles agentes importantes na modernização da cidade.

Distantes da terra natal, organizaram-se em associações. Visavam, mais que aos festejos, ao apoio. Fortalecendo a pertença a uma identidade de

origem, as associações formavam-se por pessoas da mesma origem, tendo por finalidade a beneficência e o auxílio mútuo.

A cidade contou com a *Sociedade Hespanhola de Socorros Mútuos* (1868), a *Sociedade Beneficência Portuguesa* (1870) e a *Società Italiana di Soccorso Mutuo e Beneficenza in Bagé* (1871), atualmente conhecida como, *Sociedade Italiana Anita Garibaldi* (GARCIA, 1985).

A importância dessas associações revela-se não só pelo apoio no período de imigração, mas também pela sua longevidade: atravessaram dois séculos e seguem ativas na vida cultural da cidade.

Contudo, Chaves (2008, p. 228) menciona que, “embora exista o registro de criação de outras Instituições de Beneficência na cidade (...) é a portuguesa que se destaca tanto pelo seu número de associados, quanto pelos signos de distinção que possui, sendo um deles o edifício sede, e outro, a situação financeira de seus membros diretivos”. (Figura 3)

Figura 3: Fachada frontal do Museu Dom Diogo de Souza, antiga sede da Beneficência Portuguesa de Bagé.



Fotografia: Bastianello (2010).

Verifica-se o status social hegemônico do grupo que se identifica com a origem portuguesa. A análise dos monumentos funerários, porém, indica que espanhóis e italianos alcançaram destaque, como aponta a análise quantitativa dos monumentos da *Primeira Divisão*.

Análise quantitativa

Podemos concluir que há uma convergência entre testemunhos históricos escritos e registros materiais do CSCCB, uma vez que comungam da proeminência da etnia portuguesa na formação desta cidade. Ao tabularmos os dados constatamos que, de um total de 135 túmulos inventariados, 72 pertencem a famílias luso-brasileiras (53,33%). Os oito grupos étnicos restantes perfazem juntos 57 túmulos (42,23%).⁵

No entanto, a participação destes grupos é desigual. O grupo formado por alemães (04 túmulos), árabes (04), judeus (01), poloneses (01) e afro-descendentes (01), soma tão-somente 11 túmulos, o que equivale a apenas 8,15%. A participação mais representativa dos imigrantes não lusos e de origem européia se verifica em três grupos étnicos: espanhóis (28 túmulos = 20,74%), italianos (11 = 8,15%) e franceses (07 = 5,19%). Aqui não consideramos o grupo luso-brasileiro, já apontado anteriormente como o grupo demográfica e socialmente hegemônico.

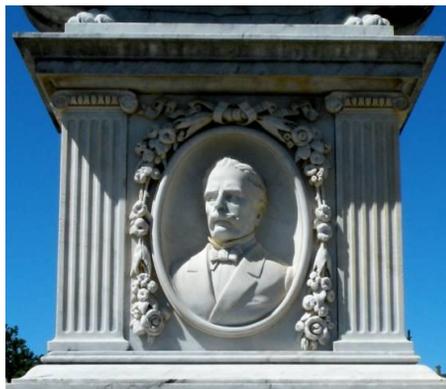
Percebemos, então, que somente três grupos estão representados em número de túmulos superior a dez: luso-brasileiros, espanhóis e italianos. Este predomínio verificado do ponto de vista quantitativo, por meio da totalização de túmulos da *Primeira Divisão*, é endossado, em linhas gerais, pelo que nos revelam as fontes escritas. A documentação escrita, já estudada por alguns historiadores (REIS, 1911. ROCHINHAS, 1963), aponta a influência preponderante, no desenvolvimento físico de Bagé, na segunda metade do

⁵ Não se identificou a pertença étnica de 6 túmulos (4,4%).

século XIX, dos contingentes luso-brasileiros, secundados pelos imigrantes espanhóis e italianos.

O predomínio luso-brasileiro pode ser verificado também numa abordagem qualitativa. O cemitério de Bagé se destaca por alguns monumentos da chamada memória pública, que funcionam como monumentos de heroização de grandes vultos da história política e, sobretudo, militar. Podemos citar o túmulo do General Antonio de Souza Netto, grande líder farroupilha⁶. (Figura 4)

Figura 4: Túmulo de General Antônio de Souza Netto. **Detalhe:** Medalhão, envolto por guirlanda, com busto em relevo do General Netto, flanqueado por duas colunatas com capitéis jônicos, em que se fez representar como civil e não como militar.



Fotografia: Bastianello (2010).

⁶ Túmulo de General Antônio de Souza Netto. *Data de construção:* indefinida. *Identificação:* TP nº37; catálogo nº69 (BASTIANELLO, 2010) *Etnia:* luso-brasileira. *Material:* mármore de Carrara. *Obs:* Os restos do General Netto, falecido em 1866 em Corrientes, na Argentina, encontravam-se no Uruguai e foram trasladados para este cemitério, por ocasião do centenário de sua morte, em 1966 (BASTIANELLO, 2010). *Fotografia:* Bastianello, 2011.

Imigrantes espanhóis e italianos somaram-se aos de origem portuguesa, contribuindo para o processo de desenvolvimento econômico desta região. A quantificação dos túmulos da *Primeira Divisão* indica o lugar de destaque dos espanhóis, como a etnia estrangeira não portuguesa de maior importância na formação histórica da cidade, perfazendo quase 20% da totalidade dos túmulos.

Os espanhóis em Bagé consolidavam seu prestígio ao construírem belos exemplares de arquitetura tumular. Preocupados com seus mortos, edificaram o *Panteón da Sociedade Espanhola*, marcando gloriosamente a presença de sua etnia no espaço sepulcral⁷. A construção desse túmulo coletivo teve por finalidade reverenciar e abrigar os espanhóis e descendentes aqui radicados. Sua ostentação evidenciava prosperidade. Simbolizava a ascensão social deste grupo que assim reforçava sua identidade entre si e perante os demais. (Figura 5)

⁷ *Panteón* da Sociedade Espanhola de Bagé. *Data da construção*: Discrepância entre dados históricos (1924) e cultura material (1928). *Identificação*: TP nº313; catálogo nº187 (BASTIANELLO, 2010) *Etnia*: espanhola. *Material*: mármore de Carrara. *Obs*: O sepultamento com data mais recuada, de Sylvio Pires Quintana, é de 19/08/1931. Não é necessariamente o mais antigo, pois a edificação tem um osuário, onde são depositados os restos mortais para liberar gavetas, nas quais ainda hoje se inumam descendentes de espanhóis. *Fotografia*: Bastianello, 2011.

Figura 5: Panteón da Sociedade Espanhola de Bagé.



Fotografia: Bastianello (2011).

Os italianos que imigraram para Bagé, por sua vez, não construíram hospitais, nem tampouco mandaram edificar monumentos coletivos a seus mortos. Estas atitudes diluem sua visibilidade. Um reflexo disso é que, apesar de representarem 8,15% dos túmulos catalogados, sua presença, aos nossos olhos, é muito discreta. Constatamos que, entre os jazigos, marcados pela monumentalidade, encontramos sobretudo luso-brasileiros e espanhóis. Com um olhar atento, percebemos que os italianos estão ali sim! Mas por que não havíamos percebido em nossas primeiras observações? Por sua discrição: seus túmulos se inserem na categoria de média e baixa monumentalidade. Pouco expressivos na área nobre da *Primeira Divisão*, estão em grande número nas paredes do entorno, nos túmulos em gaveta. (Figura 6)

Figura 6: Gaveta pertencente à família de Pasqual Petrucci, com epitáfio positivista⁸



Fotografia: Bastianello (2011).

Os primeiros imigrantes italianos que residiram em Bagé entraram no Brasil através do Uruguai. A *Sociedade Italiana de Bagé* foi fundada anteriormente à imigração italiana oficial promovida pelo Império, iniciada em 1875. Em 1870, organizaram-se para fundar sua sociedade, que foi a mais antiga sociedade italiana do Rio Grande do Sul. Foi criada em 1º de Janeiro de 1871, com o nome de *Società Italiana di Soccorso Mutuo e Beneficenza in Bagé* (ROCHINHAS,1963).

No caso da etnia italiana, constatamos o caráter singular do testemunho da cultura material: de um lado, as fontes escritas colocam a

⁸ Gaveta pertencente à família de Pasqual Petrucci. *Data do túmulo:* indefinida. *Identificação:* gaveta nº 113. *Etnia:* italiana. *Material:* mármore de Carrara e mármore cinza. *Obs:* Lápide com trabalho em risca de pedra (BORGES, 2002). Reproduz epitáfio do túmulo do governador Júlio Prates de Castilhos, do Cemitério da Santa Casa de Porto Alegre. Demonstra a adesão de um imigrante italiano à ideologia oficial do regime político riograndense da República Velha, o positivismo comptiano. *Fotografia:* Bastianello, 2011.

presença deste grupo em Bagé como algo a ser valorizado na historiografia da imigração, uma vez que foram responsáveis pela criação da sociedade mais antiga do estado; de outro, o registro material funerário indica que possuíam um prestígio simbólico inferior na sociedade, com relação a portugueses e espanhóis, pois ocupavam o espaço funerário do entorno, sem o uso de túmulos monumentais, independentemente de desempenharem ofícios significativos para a urbanização.

Algumas Considerações

Na *Primeira Divisão* do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé foram sepultadas pessoas de múltiplas etnias. Esses grupos étnicos se destacaram e se mantiveram coesos até hoje através das Sociedades de Socorro Mútuo. Marcaram presença e afirmaram sua identidade cultural no espaço urbano e no espaço cemiterial. Suas construções funerárias são expressivos registros da sociedade do final do século XIX e início do século XX.

Essas edificações serviram para perpetuar a memória das etnias formadoras enquanto grupo social. Do sofrimento, fizeram espetáculo, enaltecendo seu poder econômico e sua concepção estética. A sociedade da época pôde tanto privilegiar um enterramento dentro do espaço sacro de um excluído, do ponto de vista étnico (o caso do Preto Caxias), ou rechaçar a inumação de um excluído do ponto de vista religioso (como José Brunschvig). A diversidade étnica era tolerada – mais que isto, era estruturante da sociedade da época e aceita pelo sistema de dominação vigente. O que não era tolerado era a diversidade religiosa, pois a diversidade étnica aceita (povos de proveniência mediterrânica, falantes de idiomas neolatinos) estava condicionada à fé católica, que conferia unidade.

Referências

- ANJOS, M. H. *Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: Editora Universitária da UFPEL, 2000. (Coleção História e Etnias de Pelotas, vol. 1).
- ÁRIES, P. *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*. 2ª ed., Lisboa: Teorema, 1989.
- BASTIANELLO, E. M. T. *Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual*. 2010. 169 fls. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.
- BORGES, M. E. *Arte funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto*. Belo Horizonte: C/Arte, 2002.
- BRUNEAU, Ph. De l'image. *RAMAGE: Révue d'Archéologie Moderne et d'Archéologie Générale*, Paris: Presses Universitaires de l'Université de Paris-Sorbonne, n. 4, p. 249-295, 1986.
- CERQUEIRA, F. V. *Os instrumentos musicais na vida diária da Atenas tardo-arcaica e clássica (540-400 a.C.)*. O testemunho dos vasos áticos e de textos antigos. 2001. 3 vols, 782 fls. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- CHAVES, L. P. *Honremos a Pátria Senhor! As Sociedades Portuguesas de Beneficência: caridade, poder e formação das elites na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (1854-1910)*. 2008. 339 fls. Doutorado (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- GARCIA, A. *Histórico da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Bagé*. Bagé: CECOM / URCAMP, 1985.
- REIS, J. *Apontamentos históricos e estatísticos de Bagé*. Bagé: Tipografia Jornal do Povo, 1911.

- ROCHINHAS, J. F. As colônias estrangeiras e sua influência no desenvolvimento econômico de Bagé. *Anais de Bagé*. Revista do Museu Dom Diogo de Souza, Bagé, Série 1, Número 1, p. 216-221, 1963.
- SANTOS, C. A. Á. *Espelhos, Máscaras, Vitrines: estudo iconológico de fachadas arquitetônicas*, Pelotas, 1870-1930. Pelotas: Educat, 2002. (Coleção História e Etnias de Pelotas, vol. 4).
- TABORDA, T. O cemitério de Bagé. *Correio do Sul*, Bagé, n. 106, p. 01 (capa), 28 de jan. de 1973.